

Aula 2

MACROUNIDADES DO RELEVO BRASILEIRO

META

Identificar as características das macrounidades do relevo do Brasil.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Reconhecer as principais características da origem das macrounidades de relevo brasileiro.

Identificar a macrounidade do relevo brasileiro na qual está situado o estado de Sergipe.

Refletir sobre as características do modelado da paisagem do município onde mora tentando identificar feições semelhantes àquelas descritas pela classificação proposta pelo Profº Dr. Jurandir Ross.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 1 – Domínios morfoestruturais do Brasil.

Debora Barbosa da Silva

INTRODUÇÃO:

Caros (as) alunos (as),

O espaço geográfico apresenta feições que norteiam as atividades humanas e a vida da sociedade através das características do modelado como as morfologias e altitudes do relevo.

Para melhor entender o classificação do relevo brasileiro brasileiro é necessários está atento para as características e idades das formações rochosas bem como a ocorrência de eventos tectônicos como falhamentos e dobramentos, além de processos de erosão e sedimentação ocorridos em território brasileiro.

Portanto, nesse capítulo iremos estudar as principais características do modelado nas macrounidades do relevo em território brasileiro.

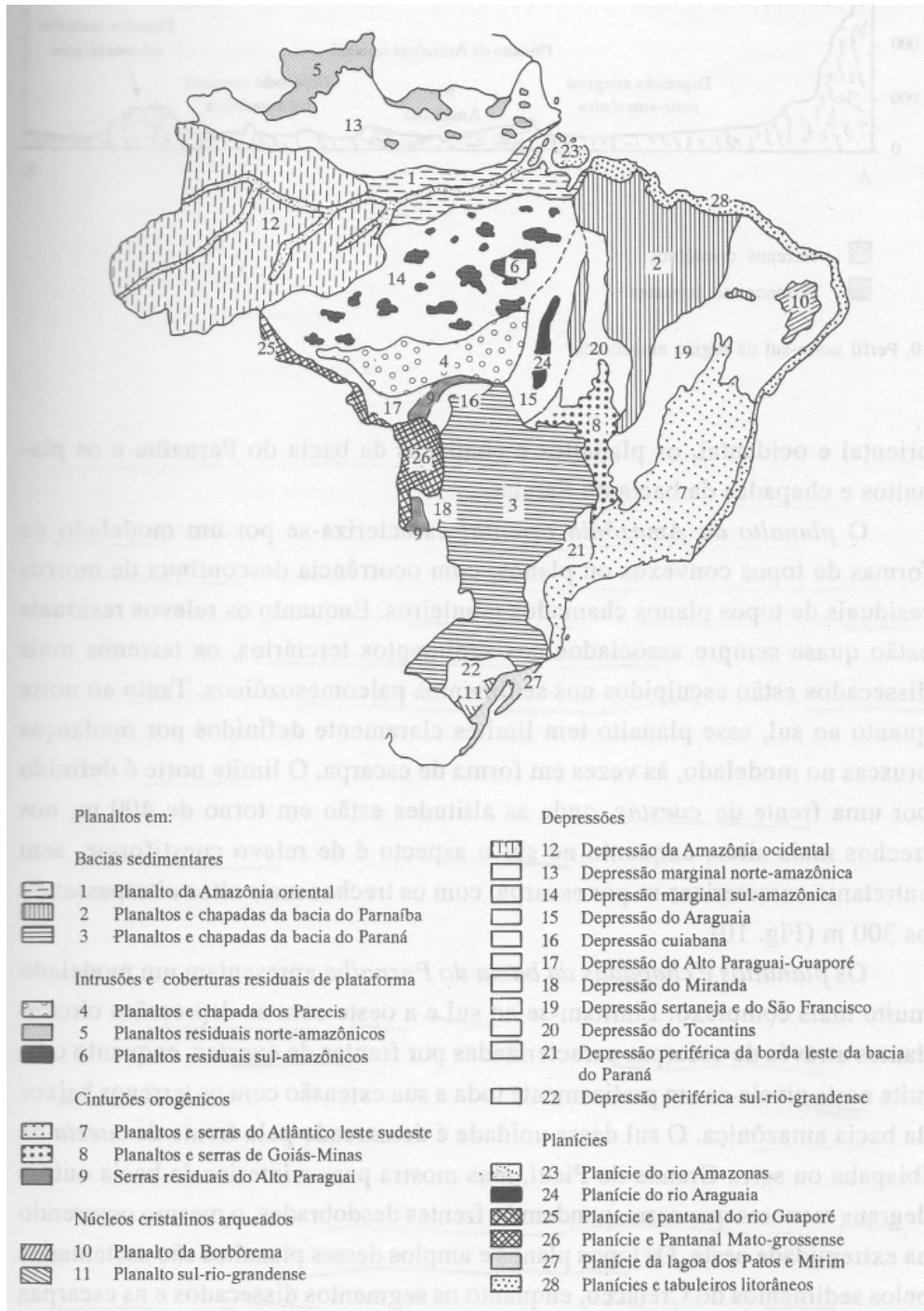


(Fonte: <http://www.brasilecola.com>).

MACROUNIDADES DO RELEVO BRASILEIRO

A compartimentação do relevo brasileiro foi elaborada por Ross (1989) que se baseou em trabalhos de Ab'Sáber e no levantamento dos recursos naturais produzido pelo IBGE através do projeto Radambrasil. Desse modo foram destacados três unidades geomorfológicas – os **planaltos**, as **planícies** e as **depressões**. (Figura 2).

Ver glossário no final da Aula



(Fonte: Ross, 2009, p.53).

PLANALTOS

Nesta macrounidade foram identificados os Planaltos em bacias sedimentares, planaltos em intrusões e coberturas residuais de plataforma, os planaltos em núcleos cristalinos arqueados e os planaltos em cinturões orogênicos



Planalto da Borborema
(Fonte : <http://br.viarural.com>).

PLANALTOS EM BACIAS SEDIMENTARES

Estão circundados por depressões periféricas e nas áreas de contato apresentam relevos escarpados caracterizados por frentes de cuestras. Estes estão representados pelos planaltos da Amazônia oriental, planaltos e chapadas da bacia do Parnaíba e pelos planaltos e chapadas da bacia do Paraná.

Os planaltos da Amazônia oriental apresentam no modelado feições de topos planos ou convexos, morros residuais de topo planos denominados tabuleiros. Ao sul o relevo tem feição cuestiforme não ultrapassando 300m de altitude, enquanto que ao norte ocorrem altitude mais elevadas em torno de 400m limitado por uma frente de cuestras.

Os planaltos e chapadas da bacia do Parnaíba apresentam ao sul e a oeste escarpas formadas por frentes de cuestras no limite com as depressões periféricas, nivelando-se, ao norte, com as baixas altitudes da bacia amazônica. Ao sul, aparecem a frente de cuestras de Ibiapaba ou serra Grande do Piauí, além de frentes desdobradas à oeste. Os topos planos estão sustentados por sedimentos cretácicos, porém as áreas mais dissecadas estão associadas aos sedimentos do Paleozóico.

Os planaltos e chapadas da bacia do Paraná terrenos sedimentares e rochas vulcânicas, apresentam escarpas de frente de cuestras nos contato com as depressões. Extensas superfícies entre 900 e 1000 m de altitude e planas são constituem as chapadas dos Guimarães e de Taquari em Mato Grosso.

PLANALTOS EM INTRUSÕES E COBERTURAS RESIDUAIS DE PLATAFORMA

Estão caracterizados serras e morros pontiagudos originados a partir de intrusões de granito, derrames vulcânicos e dobramentos, predominantemente, do Pré-cambriano, além de coberturas sedimentares residuais de várias fases de erosão.

Os planaltos residuais norte-amazônicos abrangem o Amapá e o norte do Amazonas. Apresentam serras descontínuas como as serras Tapirapecó, Parima, Tumucumaque e Navio. Estas feições podem atingir 3.000m (Pico da Neblina) e aparecem interpenetrados pela depressão marginal norte-amazônica.

Os planaltos residuais sul-amazônicos Estendem-se do sul do Pará até Rondônia cujas principais formas de relevo são morros de topos convexos com distribuição descontínua, pois são interpenetrados pela depressão marginal sul-amazônica. Correspondem a áreas com intrusões graníticas e coberturas sedimentares antigas originando feições de residuais de topos planos como a chapada do Cachimbo. A serra dos Carajás é uma feição representante da dissecação de áreas de vulcanismo antigo, sedimentos, intrusões e dobramentos com metamorfismo.

O planalto e chapada dos Parecis abrange o leste do Mato Grosso até o sudeste de Rondônia com altitudes em torno de 800 m na chapada. Apresentam um modelado de topos planos e arredondados esculpido em rochas sedimentares cretácicas e sedimentos finos do Terciário. As serras do Roncador, Daniel e Tapirapuã constituem degraus de escarpas cuestiformes à leste e ao sul.

PLANALTOS EM NÚCLEOS CRISTALINOS ARQUEADOS

A leste da região nordeste está representado pelo Planalto da Borborema enquanto que no sudeste do Rio Grande do Sul corresponde ao planalto Sul-rio-grandense. O modelado característico corresponde a núcleos cristalinos intensamente trabalhados pela erosão no Terciário com feição dômica.

Em Pernambuco, o planalto da Borborema apresenta feições retilinizadas, além de formas convexas em rochas ígneas e metamórficas do Pré-cambriano, com altitudes que podem atingir 1.000 m.

O planalto Sul-rio-grandense apresenta feições ligeiramente convexas com altitudes que não ultrapassam 450 m.

PLANALTOS EM CINTURÕES OROGÊNICOS

Correspondem a relevos residuais resultantes de dobramentos antigos de rochas intrusivas e metamórficas com feição de serras dissecadas pela erosão e estão representados pelos cinturões Paraguai-Araguaia, Brasília e Atlântico.

Os planaltos e serras do Atlântico leste-sudeste apresentam um modelado originado de dobramentos, metamorfismos regionais, intrusões e falhamentos retrabalhados por vários ciclos erosivos originando escarpas acentuadas das serras da Mantiqueira e do Mar e fossas tectônicas, a exemplo do médio vale do Paraíba do Sul. A serra do Espinhaço delimita o litoral através de escarpas e se estende desde Belo Horizonte até o Vale do São Francisco no cento-oeste da Bahia. O planalto Atlântico apresenta-se com morros de topos convexos, elevada densidade de canais de drenagem e vales profundos.

Os planaltos e serras de Goiás-Minas correspondem a serras residuais de dobramentos com alinhamento em cristas como a Canastra, Bocaina, Dourada, Geral do Paranã a faixa de dobramentos do cinturão Brasília. Apresentam também, extensos topos planos resultantes de ciclos de erosão formando chapadas como a Brasília, Cristalina e dos Veadeiros.

As serras residuais do alto Paraguai estão representadas por um conjunto de serras residuais assimétricas formadas pela erosão em dobramentos em rochas sedimentares do Pré-cambriano como a Bodoquena e Província Serrana ao sul e ao norte do Pantanal mato-grossense.

PLANÍCIES

As planícies são unidades de relevo originadas a partir da recente deposição de sedimentos marinhos, lacustres e aluviais datados principalmente do Holoceno. Apresentam-se como superfícies planas de acumulação com destaque, no território brasileiro, para as planícies dos rios Amazonas, Guaporé, Araguaia e Paraguai, as planícies das lagoas de patos e Mirim, além das planícies e tabuleiros situados no litoral e no interior.



Planície Amazônica
(Fonte : <http://drummerman.sites.uol.com.br>).

PLANÍCIE DO RIO AMAZONAS

Está representada por cordões que margeiam o rio Amazonas e seus afluentes com presença de diques colonizados por vegetação aluvial sob forma de floresta, além de vegetação de gramíneas nas áreas mais baixas e planas inundáveis por mais tempo. A ilha de Marajó constitui a área da planície de maior extensão.

PLANÍCIE DO RIO ARAGUAIA

A principal representante desta planície é a ilha do Bananal formada por sedimentos recentes e colonizada por vegetação de cerrados abertos e campos limpos, está situada no médio curso do rio Araguaia a 200 m de altitude.

PLANÍCIE DO RIO GUAPORÉ

Drenada pelo rio Guaporé, esta planície está caracterizada por feições planas situadas a 220 m de altitude.

PLANÍCIE E PANTANAL DO RIO PARAGUAI OU MATO-GROSSENSE

Corresponde a superfícies de depósitos aluviais recentes com altitude variável entre 100 e 150 m.

PLANÍCIE DAS LAGOAS DE PATOS E MIRIM

Situada no litoral do Rio Grande do Sul, esta planície originou-se de depósitos marinhos e lacustres.

PLANÍCIE E TABULEIROS LITORÂNEOS

As planícies são feições de pequena dimensão que alternam-se com superfícies de maior altitude denominada barreiras formada por sedimentos terciários no Nordeste. As planícies podem estar, também, associadas a foz de rios de menor porte como o Paraíba do Sul, Doce e Ribeira do Iguape no sudeste brasileiro.

DEPRESSÕES

Esta unidade do relevo brasileiro tem sua gênese relacionada a ciclos erosivos diferenciados alternados entre os climas mais úmidos e mais secos

ocorridos durante o Terciário e Quaternário propiciando um modelado de depressões periféricas, monoclinais e marginais.



Depressão do São Francisco
(Fonte : <http://pt.wikipedia.org>).

DEPRESSÃO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

Contrariamente as demais, esta foi originada a partir da sedimentação terció-quadernária da formação Solimões. Apresenta feições de superfícies aplainadas, colinas baixas de topos planos ou levemente convexos em torno de 200 m de altitude, com fraca dissecação fluvial.

DEPRESSÕES MARGINAIS AMAZÔNICAS

Trata-se de superfícies aplainadas por processos erosivos antigos em rochas do cristalino pertencentes as plataformas sul-amazônica e das Guianas que margeiam as bordas norte e sul da bacia amazônica.

DEPRESSÃO MARGINAL NORTE-AMAZÔNICA

No modelado predomina topos levemente convexos, morros residuais em intrusões graníticas, feição de frente de cuesta no contato com a bacia amazônica, cujas altitudes não ultrapassam 300 m.

DEPRESSÃO MARGINAL SUL-AMAZÔNICA

As feições predominantes no modelado são topos planos levemente convexos, com presença de relevos residuais graníticos e coberturas sedimentares antigas da plataforma sul-amazônica.

DEPRESSÃO DO ARAGUAIA

Predominam superfícies quase planas com altitude inferiores a 350 m que acompanham o vale do rio Araguaia, em cujo centro há a ilha do Bananal.

DEPRESSÃO CUIABANA

A feição predominante é de superfície em rampa levemente convexa que varia entre 400m ao norte e 150 m de altitude no contato com o Pantanal.

DEPRESSÃO DO ALTO PARAGUAI E GUAPORÉ

Superfície levemente inclinada encobertas por sedimentos arenosos de origem correlata com o Pantanal mato-grossense e do Guaporé.

DEPRESSÃO DO MIRANDA

Superfície aplainada de baixa altitude drenada pela bacia do rio Miranda situada ao sul do Pantanal de Mato grosso.

DEPRESSÃO DO TOCANTINS

Esta depressão tem um modelado de formas quase planas, de fraca dissecação. Apresenta-se como um monoclinal ao norte e ao sul teve sua gênese na escultura de rochas do cristalino do complexo Goiano.

DEPRESSÃO SERTANEJA E DO SÃO FRANCISCO

O modelado está representado por uma superfície erodida de baixa altitude, predominantemente aplanada, com presença de inselbergs esculpidos em rochas cristalinas e rochas sedimentares do Cretáceo como nas chapadas do Apodi no Rio Grande do Norte e do Araripe situada nos estados de Pernambuco e Ceará.

DEPRESSÃO DA BORDA LESTE DA BACIA DO PARANÁ

Esta depressão foi esculpida em sedimentos paleomesozóicos e influenciada por fatores como litologia variada, tectonismo e erosão resultante de climas pretéritos.

DEPRESSÃO PERIFÉRICA CENTRAL OU SUL-RIO-GRANDENSE

Sua origem está relacionada a borda da bacia sedimentar do Paraná constituindo uma superfície de altitude em torno de 200 m drenada pelas bacias dos rios Jacuí e Ibicuí.

CONCLUSÃO

O Brasil apresenta um território onde as feições predominantes do relevo é influenciada pela orogênese, epirogênese e processos erosivos resultando nas macrounidades de planaltos, planícies e depressões.

Ao observar o mapa da Figura 2, verifica-se que o território do estado de Sergipe abrange uma área incluída em duas macrounidades do relevo brasileiro, segundo a classificação do Prof^o Dr. Jurandir Ross, a Depressão Sertaneja e do São Francisco que corresponde a maior área do estado onde estão incluídos municípios como Tobias Barreto, Poço Verde, Gararu e Porto da Folha, além da Planície e Tabuleiros Litorâneos onde destacam-se municípios como Indiaroba, Aracaju e Pacatuba e Brejo Grande.



RESUMO

O relevo brasileiro apresenta morfológicas distintas em macrounidades representadas pelos planaltos, planícies e depressões. Cada macrounidade têm uma dinâmica própria que a caracteriza e identifica a porção do território brasileiro na qual se desenvolveu.



ATIVIDADES

1. De forma resumida, destaque as principais características das macrounidades de relevo situadas na região Nordeste do Brasil.
2. Identifique nos mapas das figuras 2 as macrounidades de relevo do Brasil na qual está situado o município onde você reside.
3. Identifique as principais características do modelado no município onde você mora.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula o texto versará sobre os domínios morfoclimáticos do Brasil, destacando as relações entre o clima e o relevo como agentes que tornam a paisagem de caráter singular.



AUTOAVALIAÇÃO

Você deverá, ao término desta aula, conhecer as principais características das macrounidades do relevo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Mapa de unidades de relevo do Brasil**. Rio de Janeiro. IBGE. 1993.
- GUERRA, A. T. **Dicionário Geológico-geomorfológico**. 7ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil., 2010. 648p.
- PENTEADO, M. M. **Fundamentos de Geomorfologia**. Rio de Janeiro: IBGE, 3ªedição: 1980.
- ROSS, J. L. S. Os fundamentos da Geografia da natureza. In: ROSS, J. L. S. (org.) **Geografia do Brasil**. 6ªed. São Paulo: Edusp, 2009.

GLÓSSARIO

Planaltos: feições do relevo originadas dea erosão, constituindo uma superfície de erosão.

Planícies: feição do relevo originada por processos de deposição de sedimentos.

Depressões: área ou porção do relevo situada abaixo do nível do mar, ou abaixo do nível das regiões que lhe estão próximas.